
**O prédio do Real Gabinete como um lugar de
memória: cenário de eventos significativos
Brasil-Portugal (1920-1950)**

*The Royal Portuguese Reading Room as a place of memory:
scenario of significant events Brazil-Portugal (1920-1950)*

Angela Telles

Real Gabinete Português de Leitura

Raquel Soares Lopes

Universidade Federal Fluminense / Real Gabinete
Português de Leitura

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2023.n49a516>

RESUMO

O artigo foi desenvolvido com base no projeto de pesquisa de organização da Coleção de Fotografias do Real Gabinete Português de Leitura. De um universo de cerca de duas mil e seiscentas imagens, que cobrem cem anos (1920-2020), selecionaram-se para este artigo fotos entre 1920 e 1950, período em que o Rio de Janeiro era capital do Brasil, concentrando número expressivo de imigrantes portugueses, e o Real Gabinete era cenário de eventos significativos da luso-brasilidade. As imagens selecionadas mostram que o Real Gabinete cumpria a finalidade de marco arquitetônico da história de Portugal na cidade do Rio de Janeiro, de celebração de uma narrativa histórica de união Brasil-Portugal.

PALAVRAS-CHAVE: Lugar de memória; Real Gabinete Português de Leitura; acervo fotográfico.

ABSTRACT

The article was developed based on the research project focused on organization of the Collection of Photographs of the Royal Portuguese Reading Room. From a pool of about two thousand and six hundred images, covering one hundred years (1920-2020), photos between 1920 and 1950 were selected, a period in which Rio de Janeiro was the capital of Brazil, concentrating a significant number of portuguese immigrants. The images show that the Royal Room fulfilled the purpose of being an architectural landmark in the history of Portugal in the city, being the scene of significant events of Luso-Brazilian life and celebrating a historical narrative of the union between Brazil and Portugal.

KEY WORDS: Place of memory; Royal Portuguese Reading Room; photographic collection.

Os lugares de memória são nossos momentos de história nacional. (Pierre Nora)

O presente trabalho foi desenvolvido com base no projeto de pesquisa de *Organização, Higienização e Catalogação da Coleção de Fotografias do Real Gabinete Português de Leitura*¹. De um universo de cerca de duas mil e seiscentas imagens, que em sua maioria cobrem cem anos (1920-2020), selecionaram-se para este artigo fotos realizadas entre 1920 e 1950, período em que o Rio de Janeiro era capital do Brasil e o Real Gabinete, situado no centro desta cidade, era cenário de eventos significativos da luso-brasilidade. Ou seja, as imagens se-

¹ Projeto de pesquisa do Real Gabinete Português de Leitura com patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, desenvolvido pelo Polo de Pesquisas Luso-Brasileira – PPLB, cuja proposta era organizar, higienizar, acondicionar e catalogar a coleção de fotografias pertencentes ao acervo do Real Gabinete para posterior digitalização e indexação em base de dados online.

leccionadas mostraram-se representativas da importância do papel da biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura como relevante palco de relações de poder Brasil-Portugal. Na época, o Rio de Janeiro, além de centro econômico, político e cultural do Brasil, abrigava uma grande quantidade de imigrantes portugueses, que formava a colônia estrangeira mais relevante e influente na cidade.

O prédio do Gabinete Português de Leitura² foi inaugurado em 1887, na presença da família real brasileira, bem como de altas personalidades políticas, comerciais e intelectuais da então capital imperial. O edifício foi concebido pelo arquiteto Rafael da Silva Castro como um templo, em escala monumental, para enaltecer a história da expansão marítima portuguesa, e, sobretudo, o culto a Camões, autor de *Os Lusíadas*.

A fachada em estilo manuelino, esculpida em pedra lioz, foi inspirada no mosteiro dos Jerônimos, de Lisboa. A cantaria da fachada foi ornada com estátuas no mesmo ideário que norteou o estilo, ou seja, representativas do período de D. Manuel, das Grandes Navegações (Infante D. Henrique, Luís de Camões, Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral). Além das esculturas, a fachada conta com quatro medalhões representando Fernão Lopes, Gil Vicente, Alexandre Herculano e Garret, símbolos da cultura literária portuguesa. A estrutura em ferro e a cúpula em vidro demonstram inspiração na mais arrojada arquitetura da época: palácios de cristal, de Londres e Paris. A concepção monumental do prédio, dadas as possibilidades da estrutura em ferro, transformou aquela construção de feições manuelinas em um marco arquitetônico moderno, a primeira obra em estrutura metálica, no Rio de Janeiro.

² O título de “Real” foi atribuído ao Gabinete Português de Leitura apenas em 1906, pelo rei D. Carlos. (COSTA, c2023).

Pode-se afirmar que a concepção arquitetônica da biblioteca atendeu à vontade dos diretores do Real Gabinete, Eduardo Lemos³ e Ramalho Ortigão⁴, que pretendiam criar um lugar de memória, um marco arquitetônico simbólico da lusofonia no Rio, então capital do Brasil. A intenção era forjar, com tal “monumento/templo da religião camoniana”, uma identidade luso-brasileira, em que a língua portuguesa e a história de Portugal se transformassem em elos fortes unindo Brasil e Portugal. Importante observar que tal fato não escapou ao político e diplomata brasileiro, Joaquim Nabuco⁵, ao proferir discurso na inauguração do edifício:

Deliberadamente vós, portugueses, construístes uma biblioteca, a mais grandiosa das edificações desse gênero na América, e a levantastes sob o duplo padroado de Luís de Camões e do Infante d. Henrique. A alma deste edifício é assim, antes de tudo, a própria alma nacional. Estas pedras são estrofes dos LUSÍADAS. Elas deviam ser condecoradas pela história com a Ordem de Aviz. Está aqui o espírito dos grandes reis, que escreveram com a espuma das ondas virgens a vossa Odisseia épica.

3 Eduardo Rodrigues Cardoso Lemos (1836-1884), escritor, comerciante português de café e comendador, além de fundador do Centro de Lavoura e Comércio (1881-1884) e presidente do Real Gabinete Português de Leitura (1878-1882), responsável também pela construção do prédio atual desta biblioteca junto com Ramalho Ortigão.

4 Joaquim da Costa Ramalho Ortigão (1842-1889), também comerciante português de café, comendador, vice-presidente do Centro de Lavoura e Comércio e presidente do Real Gabinete Português de Leitura (1884/1885-1888), responsável pela construção do prédio atual desta biblioteca junto com Eduardo Lemos.

5 Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849-1910), escritor, diplomata, político, advogado e jornalista brasileiro, fundador da cadeira nº 27 da Academia Brasileira de Letras, onde foi secretário-geral entre 1897 e 1899, e 1908 e 1910. Foi um dos mais importantes abolicionistas brasileiros.

É a primeira significação deste monumento; é monumento levantado à missão histórica de vossa nacionalidade, e portanto é a afirmação da vossa consciência portuguesa, da pátria intangível, tão convencida, tão solene e tão alta como é a Batalha e como são OS LUSÍADAS. [...]

Mas este edifício tem um segundo caráter: ele é um padrão de posse nacional; com ele reclamais para vós o domínio da língua portuguesa no Brasil em nome de Luís de Camões. E tendes razão. A língua é uma tradição preciosa. [...]

Há uma terceira afirmação neste edifício: é o culto de Camões. Ele pertence ainda à comemoração religiosa de que tivestes a iniciativa. Estamos aqui, senhores, no santuário brasileiro da religião camoniana, e eu não preciso dizer-vos que essa é a base sólida e indestrutível de toda a nossa literatura, que ninguém que não admire Camões há de fazer em nossa língua nada que seja grande, fecundo, nada que mereça viver e reproduzir-se.[...]

Aí estão os três grandes traços desta criação; afirmação da pátria, reivindicação da língua portuguesa, centro da religião ou, melhor, da cultura camoniana – há um quarto traço característico; aliança intelectual luso-brasileira. Este monumento é um símbolo de fraternidade. Não se fazem doações destas a uma nação com a qual não se está vinculado irmãmente! Não se fazem benfeitorias destas em casa alheia. (NABUCO, 1888 apud SILVA, 1977 p. 117-118).

Os portugueses radicados no Rio de Janeiro, como observa Regina Anacleto, quiseram deixar um:

(...) padrão de sua nacionalidade e como sucessão histórica do seu valor e da sua energia, por expresso desejo dos seus impulsionadores, e dentro de um espírito romântico em que o historicismo e o patriotismo se apresentavam de mão dadas, insere-se nos cânones neomanuelinos e filiou-se, como ficou bem patente, nos Jerônimos, esse '*arco do triunfo por onde Portugal, senhor dos mares, entrou na história da Civilização...*'. (ANACLETO, 2000, p. 51, grifos da autora).

Sabe-se que a imagem é construída, produtora de sentido, é montagem, é manipulação. Portanto, consideram-se neste artigo as imagens como representação e como objeto. Nas palavras de Philippe Dubois, “não podemos reduzir a imagem a um objeto, ela é também pensamento. Ela é um conjunto de ideias”⁶. A fotografia deve ser entendida como uma representação da memória, “ela não fala, forçosamente, daquilo que não é mais, mas apenas com a certeza daquilo que foi (...) A essência da fotografia consiste em ratificar o que ela representa” (BARTHES, 1990, p. 127-128).

Dessa forma, as fotografias aqui selecionadas e analisadas exercem também o papel de testemunho, atestando a existência de uma realidade (BARTHES, 1990). Compreender os problemas que envolvem a análise do conteúdo de cada imagem é fundamental, tendo em vista que elas atravessam um contexto objetivo e um ponto de vista em toda sua complexidade.

(...) parafraseando Jacques Le Goff, há que se considerar a fotografia, simultaneamente como imagem/documento e como imagem/monumento. No primeiro caso, considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado - condições de vida, moda, infra-estrutura urbana ou rural, condições de trabalho etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo. (MAUAD, 1996, p. 80).

⁶ Palestra realizada no IFCS/UFRJ e no CPDOC, em agosto de 2003, intitulada “História e imagem”.

Assim como Jacques Le Goff (2002), percebem-se as imagens selecionadas neste artigo como imagem/documento e imagem/monumento. Não esquecendo, como observa Ana Maria Mauad, que “se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo” (MAUAD, 1996, p. 80). Neste sentido, percebe-se a fotografia como fonte histórica, e não como mero objeto ilustrativo.

1922 – O CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA COM A PRIMEIRA TRAVESSIA AÉREA DO ATLÂNTICO SUL

É verdade que, no início do século XX, segundo Lúcia Guimarães, Portugal e Brasil viviam um “afastamento” nas relações diplomáticas, enquanto, paradoxalmente, no âmbito literário luso-brasileiro, surgia grande incremento, que passava pelo aparecimento de jornais, almanaques e revistas com escritores de ambas as nacionalidades (GUIMARÃES, 2007, p. 256). De fato, foram tomadas iniciativas oficiais para essa reaproximação política, dentre elas cita-se a ida do presidente da República do Brasil recém-eleito, Epitácio Pessoa, a Portugal em 1919, e pode-se afirmar o mesmo sobre a inédita travessia aérea entre Lisboa e Rio de Janeiro, empreendida por Gago Coutinho e Sacadura Cabral em celebração ao primeiro centenário da independência do Brasil em 1922 (GUIMARÃES, 2007, p. 259).

Em junho de 1922, a *Revista da Semana* publicou imagens da Sessão Solene, realizada no Real Gabinete, em homenagem aos dois aviadores portugueses da primeira travessia aérea do Atlântico Sul. Pilotando um hidroavião, de fabricação inglesa (Fairey F III-D), saíram de Lisboa com destino ao Rio de Janeiro. A viagem durou de 30 de março a 17 de junho de 1922. Os aviadores percorreram mais de 4.500 milhas marítimas, com escalas nas Canárias, Cabo Verde, Penedos de São Pedro e São Paulo, Fernando de Noronha, Recife, Salvador, Porto Seguro, Vitória e Rio de Janeiro. Ao longo do percurso,

foram perdidos dois aviões por problemas técnicos e climáticos. Na ocasião da Sessão Solene, os homenageados ofereceram à biblioteca do Real Gabinete um raro exemplar de *Os Lusíadas* (1670), que os acompanhou nessa travessia *por ares nunca d’antes navegados*.

Fotografia 1 – Primeira fotografia do hidroavião Fairey 17 na baía do Rio de Janeiro.



Fonte: Acervo do Real Gabinete Português de Leitura. Fotógrafo não identificado.
Data: 17/06/1922.

Em sépia e emoldurada (27 cm x 21 cm), a Fotografia 1 é a primeira do avião Fairey 17 na baía de Guanabara, batizado “Santa Cruz” pela esposa do então presidente do Brasil, sra. Mary Pessoa. Inscrição no verso: “Primeira fotografia do ‘Santa Cruz’ na baía do Rio de Janeiro na primeira travessia aérea do Atlântico pilotado por Gago Couti-

inho e Sacadura Cabral em 1922. Oferta de Joaquim da Cunha Sotto
Maior”.⁷

Fotografia 2 – Avião Fairey 17 na baía do Rio de Janeiro. Autografada por Gago
Coutinho e Sacadura Cabral.



Fonte: Acervo do Real Gabinete Português de Leitura. Fotógrafo não identificado.
Data: 17/06/1922.

A Fotografia 2 foi autografada por Gago Coutinho e Sacadura Cabral. A imagem mostra, igualmente, o hidroavião Fairey 17 na baía do Rio de Janeiro em sua chegada à cidade.

⁷ A oferta de Joaquim da Cunha Sotto-Maior, da Fotografia 1 e 2, foi feita ao Liceu Literário Português, transferidas para o acervo fotográfico do Real Gabinete Português de Leitura, em 2022.

Fotografia 3 – Aspecto do Salão da Biblioteca do Real Gabinete enquanto discursava Sacadura Cabral.



Fonte: *Revista da Semana*. Fotografia não identificado. Data: 23/06/1922.

Importante ressaltar que a *Revista da Semana*⁸ fez ampla cobertura da travessia aérea dos aviadores portugueses, desde a saída de Lisboa até a chegada ao Rio de Janeiro. Essa edição destacou as diferentes homenagens prestadas aos aviadores no Rio de Janeiro, entre as quais está a Sessão Solene no Real Gabinete, com a imagem panorâmica do salão da biblioteca decorado de forma majestosa e apinhado de gente elegantemente trajada. Na ocasião, Sacadura Cabral e Gago Coutinho proferiram discursos e, como já mencionado, ofereceram ao Real Gabinete exemplar de *Os Lusíadas* (1670), que os acompanhou na travessia aérea.

Nas palavras de Gago Coutinho:

⁸ Cf.: Fundação Biblioteca Nacional: BN Digital/Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: abr. 2023.

Era bem pequeno nosso avião. Carregava pouco peso, todo ele de combustível, para levarmos mais horas de voo. Quisemos contudo trazer-vos de Portugal alguma coisa, uma recordação da nossa viagem, que pudesse ser por vós todos igualmente apreciada, e que vos ficasse como testemunha de que foram homens da vossa raça, portugueses e brasileiros, os primeiros a aportarem pelo ar a esta formosa terra, como já foram vossa raça os primeiros que cá vieram por mar.

Mas, que trazer-vos? Os objetos de arte são pesados, não os podíamos carregar. As joias são caras, não brilham nos museus, irritam os proletários. Murcham as flores, mesmo quando são de retórica. Havia, contudo, um objeto de arte, uma joia, uma flor, leve, e que não murchou ainda nos quatro séculos que já dura; cujo valor, ricos e proletários bem conhecemos, porque a nós, brasileiros e portugueses, nos lembra a nossa comum origem, e, como se fosse uma bíblia, nos instiga a honrar os homens grandes, de que ambos os povos descendemos.

Esse objeto de arte, essa joia, essa bíblia, era o livro da biblioteca de bordo do Lusitânia, foi-o depois do 16, e também, do 17; futuro Santa Cruz; ele próprio assistiu aos nossos desastres, como assistiu ao nosso sucesso ao final. É pequeno volume, de uma edição mais de duas vezes secular, do tempo em que ainda Portugal e Brasil formavam um todo, ligado decerto laços físicos mais tênues do que os laços morais que ora nos unem.

Essa recordação, que vos trazemos de Portugal, esse nosso companheiro fiel, que conosco voou 4.500 milhas, os nossos LUSIADAS enfim, aqui vol-os entregamos! (Transcrição do discurso manuscrito que integra o acervo do RGPL, publicado na *Revista da Semana*, 24 de junho de 1922).

Fotografia 4 – Personalidades brasileiras e portuguesas presentes na Sessão Solene em homenagem aos aviadores portugueses.



Fonte: *Revista da Semana*. Fotógrafo não identificado. Data: 23/06/1922.

Essa imagem foi igualmente publicada na *Revista da Semana* e mostra ilustres personalidades luso-brasileiras, dentre as quais, o presidente do Brasil, Epitácio Pessoa, e sua senhora, Mary Pessoa.

O feito inédito foi amplamente divulgado pela imprensa e festejado em diversas cerimônias. Os registros compreendem fotos, filmes, reportagens, inúmeras matérias e crônicas nos periódicos da época. Tais acervos mostram que Sacadura Cabral e Gago Coutinho tiveram calorosa recepção por onde passaram no Brasil, sendo recebidos como heróis. Monumentos erguidos em diferentes cidades brasileiras, como Recife e Niterói, lembram, ainda hoje, o feito aeronáutico histórico, comparável à epopeia da expansão marítima portuguesa no Renascimento.

1930 – GETÚLIO VARGAS E A APROXIMAÇÃO BRASIL-PORTUGAL

Sabe-se que, com a ascensão de Vargas ao poder (novembro de 1930), incentivou-se o fortalecimento dos laços institucionais com Portugal. Como observa Lucia Guimarães, “o caráter nacionalista da sua política de governo levou-o a se acercar da velha metrópole, onde estariam as raízes étnicas e culturais da jovem nação americana” (GUIMARÃES, 2007, p. 259). E, ainda, de acordo com Lúcia,

a pretendida aproximação se iniciou, justamente, pelo viés cultural. Ou seja, apoiada em bases previamente consolidadas pelos intelectuais dos dois países. Já em abril de 1931, a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências e Lisboa assinaram simultaneamente um Acordo Ortográfico, com objetivo de preservar a unidade e promover a expansão da língua portuguesa. (GUIMARÃES, 2007, p. 259).

Percebe-se que o governo português também incentivava a aproximação com o Brasil, compartilhando muitos interesses e, segundo Fernanda Müller, tal “amizade” entre as nações contribuía de forma muito significativa para o reforço dos ideais que seus governos propagavam (MÜLLER, 2010).

Nas palavras de Müller:

Com efeito, desde o início do século passado, percebemos um forte movimento de ‘promoção da amizade luso-brasileira’, que visava fomentar a ligação ‘perdida’ entre os países, promovido especialmente pelos intelectuais lusitanos e pela grande colônia portuguesa então residente no país e pautada sobretudo pelos já citados acordos políticos, comerciais e culturais que reiteravam a mútua cooperação. (MÜLLER, 2010, não paginado).

Nesse contexto político-cultural, o Real Gabinete Português de Leitura foi cenário de vários eventos, entre os quais a Sessão Solene

em homenagem ao presidente do Brasil, Getúlio Vargas (1930-1945), no dia 17 de junho de 1939, realizada pela Colônia Portuguesa. A cerimônia congregou a totalidade das associações representativas de portugueses estabelecidos no Brasil (vindos de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul), além de contar com a presença de inúmeras autoridades do Estado – como as Casas Civil e Militar e diversos ministérios –, do embaixador de Portugal, do cônsul de Portugal no Rio de Janeiro e de toda missão diplomática, comissão organizadora da homenagem e recepção.

Pode-se perceber a relevância que a cerimônia teve ao ser irradiada por ondas curtas para todo o país e para Portugal pela Sociedade Rádio Nacional. Segundo jornais da época, como o *Jornal do Brasil* (RJ), *Jornal do Comércio* (RJ) e *A Noite* (RJ)⁹, foram instalados, ao redor do local do evento – na fachada do Real Gabinete, no Largo São Francisco e na Praça Tiradentes –, diversos alto-falantes para que a população pudesse acompanhar os detalhes da belíssima homenagem ao presidente, levando grande massa popular a lotar as ruas do centro do Rio naquela noite de sábado. O ponto alto da cerimônia ocorreu quando, sob forma de agradecimento às constantes demonstrações de apreço e de simpatia do chefe de Estado pelas relações luso-brasileiras, a comunidade portuguesa ofereceu a Vargas uma pintura de autoria do artista português Eduardo Malta (*Jornal do Brasil*, 17 de junho de 1939).

9 Cf.: Fundação Biblioteca Nacional: BN Digital/Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: abr. 2023.

Fotografia 5 – Personalidades do Brasil e Portugal presentes na Sessão Solene em homenagem a Getúlio Vargas.



Fonte: Acervo do Real Gabinete Português de Leitura. Fotografia não identificado.
Data: 17/06/1939.

Fotografia com autoridades e convidados ilustres na entrada do Real Gabinete. No primeiro plano, da esquerda para direita: Martinho Nobre de Melo, embaixador de Portugal no Brasil; Benedetto Aloisio Masella, Núncio Apostólico; Getúlio Vargas, presidente do Brasil; General Francisco José Pinto, chefe do Estado Maior do Exército e da Casa Militar da presidência da República; personalidade não identificada; e Herculano Rebordão, escritor e jornalista português. Ao fundo, demais convidados do evento.

Fotografia 6 – Getúlio Vargas, presidente do Brasil, proferindo discurso.



Fonte: Acervo do Real Gabinete Português de Leitura. Fotografia não identificado.
Data: 17/06/1939.

Na fotografia, aspecto central da tribuna de honra. À esquerda, Getúlio Vargas, presidente do Brasil, proferindo discurso, ladeado por Martinho Nobre de Melo, embaixador de Portugal no Brasil, e conde Dias Garcia, também comendador, “Vogal Perpétuo” do Real Gabinete, e primeiro presidente da Federação das Associações Portuguesas no Brasil.

No mesmo ano, no dia 25 de julho, foi realizada pela Colônia Portuguesa com patrocínio de Martinho Nobre de Mello, embaixador de Portugal no Brasil, no Real Gabinete Português de Leitura, a Sessão Solene em homenagem ao 8º Centenário da Batalha de Ourique, causando grande comoção na rua Luís de Camões. A cerimônia por iniciativa da Federação das Associações Portuguesas em colaboração com a Embaixada de Portugal e a Comissão Brasileira dos Centenários.

O evento foi uma grande celebração da lusitanidade pela data incorporada à história de Portugal como da fundação política da nação portuguesa. A Batalha de Ourique ocorreu em 25 de julho de 1139, dia em que as tropas de D. Afonso Henriques alcançaram a vitória contra o exército mulçumano, trazendo grandes consequências na emancipação de Portugal. Após esse feito, D. Afonso Henrique mudou seu título para “rei dos portugueses”, tornando-se o fundador do império luso.

Sabe-se que há muita incerteza ao redor deste evento, como o lugar onde ocorreu (há, ao menos, cinco locais com este nome), o tamanho das tropas, e seu desenrolar mais detalhado. As documentações são tardias, e o que mais se conhece sobre a batalha é proveniente de um conjunto de crônicas portuguesas dos séculos XV e XVI. No entanto, a imagem da vitória de D. Afonso Henriques virou símbolo da fundação política da nação portuguesa, enquanto nação soberana, tornando-se um evento de máxima importância para Portugal e para elaboração da identidade nacional portuguesa. Esta já existia anteriormente à batalha, mas o debate acerca do “povo português” surge posteriormente (COSTA, 2014, p. 19).

Para compreender tamanha relevância, o jornal *A Noite* (RJ) descreveu a arrumação do salão da biblioteca do Real Gabinete para a cerimônia:

A fim de imprimir ao ambiente a sensação histórica do acontecimento e da época, cuidam os promotores de decorar artisticamente o salão da Biblioteca. As decorações, que já se acham adiantadas, são de grandes dimensões e oferecerão à assistência, naquele dia, ambiente digno da grandeza daquele sentido comemorativo e do ânimo espiritual e cívico que dominará o recinto da tradicional instituição. Figuras e símbolos, afeiçoados à solenidade e à preeminência histórica da comemoração, servirão de sugestivo estímulo ao conceito dos oradores que ali exaltarão a personalidade do primeiro rei luso e seus feitos de guerra em prol da autonomia da raça. (*A Noite* RJ, 21 de julho de 1939).

A cerimônia foi acompanhada por uma plateia de autoridades cívicas e militares, com senhoras e cavalheiros trajados a rigor, e representantes das principais instituições sociais e culturais de Brasil e Portugal. Contou com a presença dos oradores: escritor Herculano Rebordão, escritor Tasso da Silveira e general Francisco José Pinto, presidente da Comissão Brasileira de Centenários e chefe do Estado Maior do Exército, além de Martinho Nobre de Mello, embaixador de Portugal; general Eurico Gaspar Dutra, ministro de Guerra do Brasil; comandante Américo Pimentel, como representante do presidente da República brasileira; almirante Aristides Guilhem, ministro da Marinha do Brasil; conselheiro Camelo Lampreia, presidente do Conselho da Colônia; e diversos convidados e personalidades. O grupo Orfeões Portugueses de Portugal se apresentou executando os hinos das nações irmãs. T tamanha celebração calorosa tinha o intuito de incentivar a aproximação prática entre Brasil e Portugal.

Fotografia 7 – Montagem de duas fotografias. Na superior, a tribuna de honra. Na inferior, aspecto da assistência.



Fonte: Acervo do Real Gabinete Português de Leitura. Fotógrafo não identificado.
Data: 25/07/1939.

As imagens acima, com duas fotos no mesmo suporte, eram montagens muito em voga na época. Na foto superior, destaca-se o aspecto da tribuna de honra no Salão da Biblioteca do Real Gabinete. Da esquerda para a direita: conselheiro Camelo Lampreia, presidente do Conselho da Colônia; general Eurico Gaspar Dutra, ministro de Guerra do Brasil; comandante Américo Pimentel, representante do presidente da República brasileira; Martinho Nobre de Mello, embaixador de Portugal no Brasil; almirante Aristides Guilhem, ministro da Marinha do Brasil; autoridade ilustre não identificada; general Francisco José Pinto, presidente da Comissão Brasileira de Centenários e chefe do Estado Maior do Exército. À direita, escritor Herculano Rebordão, proferindo discurso.

Na foto inferior, destaca-se a vista superior da insigne plateia. Nela constam autoridades cívicas e militares do Brasil e de Portugal, em trajes a rigor, lotando o salão durante a solenidade. Ambas as fotografias permitem analisar a importância impressa ao evento por meio do cuidado que os organizadores da cerimônia prestaram na decoração de grandes dimensões, que, como ressaltou o jornal *A Noite* (RJ), “oferecerão à assistência, naquele dia, ambiente digno da grandeza daquele sentido comemorativo e do ânimo espiritual e cívico que dominará o recinto da tradicional.” Ou seja, o intuito dos curadores da cerimônia era impactar o público, sensibilizar a plateia e os oradores, imprimindo, através da decoração, maior significância ao culto cívico celebrado no Real Gabinete Português de Leitura.

1946 – A COLÔNIA PORTUGUESA RECEBE O NOVO PRESIDENTE DO BRASIL ELEITO PELA VIA DEMOCRÁTICA

Sabe-se que a culminância da aproximação entre Brasil e Portugal ocorreu em 1940, por ocasião das várias Comemorações Centenárias de Portugal. Durante o governo de Eurico Gaspar Dutra, que se estendeu de 1946 a 1951, a relação entre Brasil e Portugal foi marcada

por um posicionamento neutro do governo brasileiro em relação à questão colonial portuguesa, onde Portugal sofria forte pressão de países latino-americanos com relação às suas colônias durante o pós-guerra e seus “novos ventos democratizantes” (RAMPINELLI, 2007, p. 96).

Embora o país tenha apoiado a independência dos países africanos e asiáticos em fóruns internacionais, a postura brasileira em relação à descolonização portuguesa foi mais discreta e cautelosa, com o objetivo de evitar conflitos diplomáticos com o antigo colonizador. Nesse sentido, destaca-se a visita oficial que Dutra realizou a Portugal em 1949, na qual evitou tomar uma posição clara sobre a questão colonial. Além disso, o Brasil manteve relações comerciais estreitas com Portugal durante todo o período. Essa postura do Brasil em relação a Portugal refletiu a importância que o país atribuía à manutenção de laços históricos e culturais com o antigo colonizador, mesmo em um contexto de mudanças políticas e sociais significativas em nível internacional.

Segundo Claudio Bojunga:

O tradicionalismo em relação a Portugal (...) estava em contradição frontal com o desenvolvimentismo, cujos interesses seriam mais satisfeitos pela remoção de vínculos coloniais que só beneficiavam a diplomacia salazarista. Finalmente, o governo brasileiro, que buscava uma liderança regional na América Latina para poder negociar com mais força diante dos Estados Unidos, debilita-se em sua região, ao apoiar na Europa os regimes salazarista e franquista. Cabe ressaltar que naquele momento um grande número de países latino-americanos se opunha aos regimes ditatoriais ibéricos. (BOJUNGA, 2001 apud RAMPINELLI, 2007, p. 96).

Neste cenário, em 1946, sucedeu-se a visita do presidente brasileiro general Eurico Gaspar Dutra (1946-1951) ao Real Gabinete Português de Leitura para receber a tradicional homenagem ofertada pela

Comunidade Portuguesa ao chefe de Estado do país, por ocasião do dia 10 de junho. A data assinala o *Dia de Portugal, Dia de Camões e Dia das Comunidades Portuguesas*, que configura o principal feriado nacional de Portugal, e tradicionalmente assinala o dia da morte de Luís Vaz de Camões. O Real Gabinete Português de Leitura realizava comemorações solenes em torno deste feriado português como forma de respeito e valorização da cultura de Portugal das comunidades portuguesas que aqui se encontravam, e neste ano não foi diferente.

Fotografia 8 – Tribuna de honra da Sessão Solene de 10 de junho de 1946.



Fonte: Acervo do Real Gabinete Português de Leitura. Fotografia não identificado.

Data: 10/06/1946.

Aspecto da tribuna de honra no Salão da Biblioteca do Real Gabinete, decorado com devido esplendor. Da esquerda para direita: coronel

Décio Escobar; Teotônio Pereira, embaixador de Portugal no Brasil; cardeal D. Jayme de Barros Câmara; general Eurico Gaspar Dutra, presidente do Brasil; João Neves da Fontoura, ministro de Estado das Relações Exteriores; Gabriel Monteiro da Silva, secretário da Presidência da República; e comendador Albino de Souza Cruz, presidente do Real Gabinete Português de Leitura. Na fotografia pode-se observar, além da majestosa decoração, a grandiosidade da Sessão Solene lotada, com presença de convidados também nas galerias do salão.

Fotografia 9 - Montagem de duas fotografias. Na superior, autoridades na Sala da Diretoria. Na inferior, aspecto da assistência.



Fonte: Acervo do Real Gabinete Português de Leitura. Fotografia não identificado.
Data: 10/06/1946.

Nas fotografias acima, ambas no mesmo suporte, temos na foto superior, sentados à mesa da Sala da Diretoria, da esquerda para direi-

ta: comendador Albino de Souza Cruz, presidente do Real Gabinete Português de Leitura; João Neves da Fontoura, ministro de Estado das Relações Exteriores; general Eurico Gaspar Dutra, presidente do Brasil; Teotônio Pereira, embaixador de Portugal no Brasil; Gabriel Monteiro da Silva, secretário da Presidência da República. Ao centro, coronel Décio Escobar, de pé.

A foto inferior apresenta perspectiva da plateia no Salão da Biblioteca. Percebe-se o salão lotado, com público elegantemente trajado, como sinal demonstrativo da relevância política e cultural da cerimônia.

1957 E 1958 – O APOIO DE JUSCELINO KUBITSCHKEK AO IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS E A EFERVESCÊNCIA DA COMUNIDADE PORTUGUESA NO BRASIL

Durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), a relação entre Brasil e Portugal foi marcada por uma intensificação das relações diplomáticas e comerciais. Em particular, nos anos de 1957 e 1958, houve uma série de eventos e acordos que reforçaram os laços entre os dois países, como destacar-se-á nas imagens relativas à visita do presidente português Craveiro Lopes em 1957, bem como da comemoração da Batalha de Aljubarrota em 1958 no Real Gabinete Português de Leitura.

Sabe-se que a visita do presidente de Portugal, general Craveiro Lopes, e sua esposa ao Brasil, em meados de 1957, foi muito festejada. Na chegada ao Rio de Janeiro, o casal foi ovacionado pelo público no percurso da Avenida Rio Branco. Segundo divulgado na imprensa da época, o intuito da visita era no sentido de reforçar os laços entre Brasil e Portugal (*O Cruzeiro*, 8/06/1957)¹⁰.

10 Cf.: Fundação Biblioteca Nacional: BN Digital/Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: abr. 2023.

O ilustre casal português foi recebido às margens da Baía de Guanabara pelo presidente brasileiro Juscelino Kubitschek, e ficou hospedado no Palácio Laranjeiras. Na ocasião, o presidente Juscelino foi alvo de crítica ácida, publicada na revista *O Cruzeiro*:

Para ser um anfitrião completo, o Sr. Juscelino Kubitschek quis dar ao hóspede, durante sua estada no Rio, a casa em que mora e o próprio quarto em que dorme. Craveiro Lopes dormirá suas noites cariocas na cama de JK, uma cama de casal como as outras, mas que tem ao lado, numa mesinha de cabeceira, quatro telefones automáticos. (...) Por alguns dias, o Sr. Juscelino Kubitschek ficará fora do Palácio das Laranjeiras, e até uma semana atrás, quando esta reportagem foi escrita, ele ainda não sabia para onde ir. (*O Cruzeiro*, 8 de junho de 1957).

O presidente do Brasil e sua família se hospedariam no luxuoso apartamento do político Artur Bernardes Filho, na avenida Rui Barbosa. Porém, segundo o jornal *Última Hora* (RJ), devido ao estado de saúde da esposa de Bernardes Filho, foi escolhida a mansão da família Osvaldo Aranha, também em Laranjeiras, próxima ao Palácio. Aconteceu, porém, que Bernardes Filho não abriu mão da honra de ser anfitrião do presidente da república:

(...) e como o caso ameaçasse transformar-se num episódio político, funcionou a sabedoria de Salomão: a família presidencial ficaria hospedada na residência do sr. Osvaldo Aranha, mas Juscelino assumiu o compromisso de fazer suas refeições no apartamento da Avenida Rui Barbosa... (*Última Hora*, 10 de junho de 1957)¹¹.

11 Cf.: Fundação Biblioteca Nacional: BN Digital/Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: abr. 2023.

Dada a importância da visita de Craveiro Lopes ao Brasil, foram realizadas várias solenidades em homenagem ao presidente de Portugal no Rio de Janeiro. No Real Gabinete Português de Leitura, em comemoração ao dia 10 de Junho, Dia de Camões, feriado nacional em Portugal, foi realizada cerimônia com a presença do chefe de Estado português como convidado de honra. Sabe-se que foi a primeira vez que um presidente de Portugal passou o dia 10 de Junho fora do país.

Fotografia 10 – Francisco Craveiro Lopes, presidente de Portugal, proferindo discurso.



Fonte: Acervo do Real Gabinete Português de Leitura. Fotógrafo não identificado.

Data: 10/06/1957.

Na tribuna de honra, ao centro, presidente de Portugal Francisco Craveiro Lopes proferindo discurso. À direita, ministro dos Estrangeiros de Portugal, Paulo Arsénio Veríssimo da Cunha; à esquerda, presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek.

Palavras de Craveiro Lopes:

[...] Património indivisível e inalienável dos dois países, a data que hoje recordamos transcende no seu significado profundo o facto que perpetua, para se elevar à nobre altura de um símbolo em que se entrelaçam as glórias do passado e as aspirações do futuro, duradouramente ligadas por fraterno presente.

O poeta, sob o signo do qual nos encontramos aqui reunidos, transpôs para ritmos de heroica exaltação o itinerário moral de um povo e o génio do seu destino. A língua em que Camões é veículo universal de cultura pertence com igual legitimidade aos nossos dois países: o mesmo sangue animou a vida das altas figuras que servem de fundo histórico à epopeia; os grandes princípios em redor dos quais se estrutura a vida coletiva das duas Pátrias formam o seu conteúdo espiritual.

Nos Lusíadas estão em germe os elementos fundamentais de uma comunidade moral indissolúvel: a vontade dos homens e a exigência das coisas consubstanciaram no plano político o que era imperativo histórico e apelo ao sangue. A Comunidade Luso-Brasileira é o reflexo – na ação – da intimidade familiar de dois ramos de um velho ramo único sempre reverdecido. A sua disseminação por todos os cantos do Globo não diminui a coesão do seu conjunto porque, a força impulsionadora que agrega, mergulha raízes em fundações permanentes, as quais estão ao abrigo da corrupção e das vicissitudes acidentais do tempo. [...] (*Diário da manhã*: número extraordinário comemorativo da viagem do senhor presidente da República aos Estados Unidos do Brasil, 1957).

A valorização das relações culturais, sociais e políticas entre as nações irmãs também se fez presente no discurso proferido por Craveiro Lopes naquela ocasião.

Fotografia 11 – Plateia feminina na Sessão Solene de 10 de junho.



Fonte: Acervo do Real Gabinete Português de Leitura. Fotografia não identificado.
Data: 10/06/1957.

Na foto, destaque da elegante plateia, em traje a rigor, sinal da importância dada à cerimônia: Maria Amélia Pitta e Cunha, mulher de Paulo Arsénio Veríssimo da Cunha, ministro dos Estrangeiros de Portugal; Sarah Kubitschek, mulher de Juscelino Kubitschek, presidente do Brasil; Berta Craveiro Lopes, mulher do presidente de Portugal, Francisco Craveiro Lopes; e personalidade não identificada.

No ano seguinte à visita do presidente de Portugal Craveiro Lopes, realizou-se no Real Gabinete Português de Leitura cerimônia a fato significativo da História de Portugal, a Batalha de Aljubarrota, ocorrida em agosto de 1385, que é considerada como o momento

consolidador da identidade nacional portuguesa¹². Comemorou-se o 573º aniversário da Batalha de Aljubarrota em sessão solene em 21 de agosto de 1958 no Salão da Biblioteca, com a presença e participação de convidados e personalidades ilustres, que compunham o cenário político e militar das relações luso-brasileiras. Entre as personalidades presentes, podemos citar o embaixador de Portugal no Brasil, Manuel Farrajota Rocha, que presidiu a cerimônia, além dos oradores oficiais: o tenente-coronel Manuel Campos da Costa, oficial do Estado-Maior do Exército Português, que veio ao Rio de Janeiro especialmente a fim de representar as Forças Armadas de Portugal neste evento, e o general Edgar Amaral, chefe do Estado Maior das Forças Armadas do Brasil.

Nota-se o cuidado da decoração do salão, sobretudo no cenário que compõe a tribuna de honra, dada a relevância da cerimônia oficial. Na ornamentação, como manda o cerimonial diplomático, foram colocadas, como pano de fundo da tribuna de honra, bandeiras de Portugal e do Brasil. Arranjos de flores, de acordo com o mesmo cerimonial, completavam a ornamentação da tribuna de honra.

A sessão foi marcada também pela entrega de condecorações a diversos oficiais-generais brasileiros. Dentre os agraciados estão o general Henrique Teixeira Lott, Ministro de Guerra do Brasil, e os generais Amauri Krueel, chefe de Polícia do Distrito Federal, e Edgar do Amaral, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas do Brasil.

12 (COSTA, 2015, p. 95-134).

Fotografia 12 - Tribuna de honra da Sessão Comemorativa do 573º aniversário da Batalha de Aljubarrota.



Fonte: Acervo do Real Gabinete Português de Leitura. Fotógrafo não identificado.
Data: 21/08/1958.

Ao centro, embaixador de Portugal Manuel Farrajota Rocheta, ladeado pelo almirante Matoso Maia, ministro da Marinha do Brasil; general Edgar do Amaral, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas do Brasil; general Henrique Teixeira Lott, ministro da Guerra do Brasil, e demais autoridades militares do governo Juscelino Kubitschek.

Fotografia 13 – Manuel Farrajota Rocheta, embaixador de Portugal no Brasil, de pé proferindo discurso.



Fonte: Acervo do Real Gabinete Português de Leitura. Fotografia não identificado.
Data: 21/08/1958.

Aspecto central da tribuna de honra. Da esquerda para direita: general Edgar do Amaral, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas do Brasil; almirante Matoso Maia, ministro da Marinha do Brasil; Manuel Farrajota Rocheta, embaixador de Portugal, de pé proferindo discurso; general Henrique Teixeira Lott, ministro de Guerra do Brasil, e personalidade não identificada.

Vale destacar que a aproximação entre Brasil e Portugal durante o governo de Juscelino Kubitschek ocorreu em um contexto de intensas mudanças políticas e econômicas tanto no Brasil como em Portugal. Para o Brasil, a política de aproximação com Portugal fazia parte da estratégia de inserção do país no cenário internacional

como um ator relevante e de destaque no âmbito dos países em desenvolvimento. Por sua vez, para Portugal, a relação com o Brasil era vista como uma forma de manter uma presença no mundo em um contexto de descolonização acelerada e de crise econômica.

CONCLUSÃO

Através das imagens selecionadas para este artigo, observaram-se eventos realizados no Real Gabinete Português de Leitura entre as décadas de 1920 e 1950. Eventos que ocorreram num Rio de Janeiro que brilhava como centro das decisões políticas e no qual o Real Gabinete servia de palco de poder das relações luso-brasileiras. Tal afirmativa pode ser confirmada através das imagens destacadas, mostrando altas personalidades luso-brasileiras e público seletivo, em trajes a rigor, bem como salão da biblioteca devidamente ornamentado de acordo com as regras da etiqueta diplomática em celebrações oficiais. Ou seja, as imagens mostram a importância dada às cerimônias celebrativas de uma história comum Brasil-Portugal, bem como enfatizam a força dos laços afetivos, políticos, econômicos e culturais que ligavam ambos os países, no cenário representativo da luso-brasilidade no Rio de Janeiro, que é o Real Gabinete Português de Leitura

Percebe-se que os diferentes diretores do Real Gabinete procuraram cumprir, segundo as imagens analisadas, as obrigações observadas por Joaquim Nabuco, em discurso, quando da inauguração do edifício:

como centro de vida patriótica, deveis ser o arquivo ou melhor, o refletor de tudo que interesse à vossa nacionalidade, desperte o vosso patriotismo, transporte portugueses e brasileiros pelo espírito aos santuários nacionais de Portugal, por três séculos nossa pátria comum. (NABUCO, 1888 apud SILVA, 1977. p. 118).

Pode-se afirmar que as fotografias destacadas, enquanto representação e objeto, são expressivas na ênfase de espaço sagrado da identidade luso-brasileira, templo camoniano, desempenhado pelo Real Gabinete Português de Leitura, na então capital da República brasileira, construído no centro da cidade, como lugar de memória, de celebração e de afirmação da ligação histórica Brasil-Portugal.

RECEBIDO: 27/10/2022 APROVADO: 09/05/2023

REFERÊNCIAS

AMBIENTE de singular grandeza evocativa. Para comemoração do oitavo centenário da Batalha de Ourique, no Real Gabinete Português de Leitura. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano XXIX, n. 9.858, p.1, 21 jul. 1939.

ANACLETO, Regina. Arquitetura Neomanuelina no Brasil: a saudade da Pátria. *Camões Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, v. 11, p. 38-51, 2000.

ASPECTO do Salão da Biblioteca do Real Gabinete enquanto discursava Sacadura Cabral. 23 jun. 1922. 1 fotografia. *Revista da Semana*.

AVIÃO Fairey 17 na baía do Rio de Janeiro. Autografada por Gago Coutinho e Sacadura Cabral. 17 jun. 1922. 1 fotografia em sépia e emoldurada. Acervo do Real Gabinete Português de Leitura.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

COSTA, A. Gomes. *Catedral da Cultura Portuguesa*. Rio de Janeiro, 2023. Real Gabinete Português de Leitura. Disponível em: <https://www.realgabinete.com.br/O-Real-Gabinete/Historia>. Acesso em: abr. 2023.

COSTA, Rodrigo. *A Batalha de Ourique e a Batalha de Aljubarrota como expressão da Lusitanidade: Uma análise da construção da identidade a partir da literatura portuguesa – Séculos XV e XVI*. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2015. v. 1. 232p.

COSTA, Rodrigo. A Batalha de Ourique e a Construção da Identidade Portuguesa: De Fernão Lopes à Luis de Camões. *Medievalis*, v. 3, n. 1, p. 140-159, 2014.

COUTINHO, Gago. *Discurso de oferecimento de um exemplar de Os Lusíadas ao Real Gabinete Português de Leitura em comemoração a primeira travessia aérea entre Portugal e Brasil*. 1922. (manuscr.) BR/RGLP/FRGLP. Ma.0063.

COUTINHO, Gago. *Relatório da viagem aérea Lisboa - Rio de Janeiro / Artur de Sacadura Freire Cabral e Carlos Viegas Gago Coutinho*. Lisboa: Ed. il., 1922.

DIÁRIO da manhã: número extraordinário comemorativo da viagem do senhor presidente da República aos Estados Unidos do Brasil. - Ed. il. - Lisboa: [s.n.], 1957.

DUBOIS, Philippe. "História e Imagem". *Palestra* realizada no IFCS/UFRJ e no CPDOC, ago. 2003.

FRANCISCO Craveiro Lopes, *presidente de Portugal, proferindo discurso*. 10 jun. 1957. 1 fotografia. Acervo do Real Gabinete Português de Leitura. Fundação Biblioteca Nacional - BN Digital/Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: abr. 2023.

GETÚLIO Vargas, *presidente do Brasil, proferindo discurso*. 17 jun. 1939. 1 fotografia. Acervo do Real Gabinete Português de Leitura.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Relações culturais luso-brasileiras: alguns pontos de confluência. *Convergência Lusíada*, v. 21, n. 24, p. 256-263, 30 dez. 2007.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. *História e memória*. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. p. 535-553.

MANUEL Farrajota Rocheta, *embaixador de Portugal no Brasil, de pé proferindo discurso*. 21 ago. 1958. 1 fotografia. Acervo do Real Gabinete Português de Leitura.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. *Tempo*, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MONTAGEM de duas fotografias. *Na superior, a tribuna de honra. Na inferior, aspecto da assistência*. 25 jul. 1939. 1 montagem de duas fotografias. Acervo do Real Gabinete Português de Leitura.

MONTAGEM de duas fotografias. *Na superior, autoridades na Sala da Diretoria. Na inferior, aspecto da assistência*. 10 jun 1946. 1 montagem de duas fotografia. Acervo do Real Gabinete Português de Leitura.

MÜLLER, Fernanda Suely. Brasil e Portugal em revista: a imprensa periódica na fronteira entre cultura e política. *Amerika. Mémoires, identités*,

territórios, n. 3, 2010. Disponível em: <https://journals.openedition.org/amerika/1408> Acesso em: abr. 2023.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

O ANFITRIÃO de JK. *Última Hora*, Rio de Janeiro, n. 497, p. 2, 10 jun. 1957.

O GOVERNO faz maquilagem no Palácio das Laranjeiras. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, ano XXIX, n. 34, p.11, 8 jun. 1957.

PERSONALIDADES brasileiras e portuguesas presentes na Sessão Solene em homenagem aos aviadores portugueses. 23 jun. 1922. 1 fotografia. Revista da Sema.

PERSONALIDADES ilustres do Brasil e Portugal presentes na Sessão Solene em homenagem a Getúlio Vargas. 17 jun. 1939. 1 fotografia. Acervo do Real Gabinete Português de Leitura.

PLATEIA feminina na Sessão Solene de 10 de junho. 10 jun. 1957. 1 fotografia. Acervo do Real Gabinete Português de Leitura.

PRIMEIRA fotografia do avião Fairey 17 na baía do Rio de Janeiro. 17 jun. 1922. 1 fotografia em sépia e emoldurada, 27 cm x 21 cm. Acervo do Real Gabinete Português de Leitura.

RAMPINELLI, W. J. A política internacional de JK e suas relações perigosas com o colonialismo português. *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 17/18, p. 83-98, 2007. DOI: 10.23925/ls.voi17/18.18661. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18661>. Acesso em: 3 maio. 2023.

REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA. *Livro de relatórios da diretoria do Real Gabinete de maio de 1941 a dezembro de 1954*. Rio de Janeiro, 1954.

REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA. *Relatório de atividades e contas da diretoria do Real Gabinete no ano de 1957*. Rio de Janeiro, 1957.

REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA. *Relatório de atividades e contas da diretoria do Real Gabinete no ano de 1958*. Rio de Janeiro, 1958.

REVISTA da Semana, números 731, 732 e 733, junho e julho de 1922.

SILVA, Pedro Ferreira da (coord.). *Fundamentos e atualidades do Real Gabinete Português de Leitura*. Edição comemorativa do 140º aniversário de fundação. Direção de António Rodrigues Tavares. Rio de Janeiro: 1977.

TRIBUNA de honra da Sessão Solene de 10 de junho de 1946. 10 jun. 1946. 1 fotografia. Acervo do Real Gabinete Português de Leitura.

TRIBUNA de honra da Sessão Comemorativa do 573º aniversário da Batalha de Aljubarrota. 21 ago. 1958. 1 fotografia. Acervo do Real Gabinete Português de Leitura.

MINICURRÍCULO

ANGELA TELLES é responsável técnica do projeto de *Organização, Higienização e Catalogação da Coleção de Fotografias do Real Gabinete Português de Leitura*. Diretora da Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura, integrante do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras (PPLB). Museóloga (1973 - Curso MHN). Mestre (2000) e Doutora (2007) em História Social pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ). Membro do Conselho Internacional de Museus (ICOM).

RAQUEL SOARES LOPES é Bolsista júnior no projeto de pesquisa de *Organização, Higienização e Catalogação da Coleção de Fotografias do Real Gabinete Português de Leitura* pela Fundação Calouste Gulbenkian em colaboração com Real Gabinete Português de Leitura. Graduada em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Pós-graduada em Museologia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). Mestranda em História Social na Universidade Federal Fluminense (UFF).